Culturas:
Interculturalidade e Interdisciplinaridade na Educação do Campo

Escola da Terra
CAPIXABA

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Universidade Federal do Espírito Santo
Reitor: Prof. Dr. Reinaldo Centuducati

Pró-Reitoria de Extensão
Prof. Dr. Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Centro de Educação/UFES
Prof. Dr. Cláudia Maria Mendes Gontijo

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES
Prof. Dr. Eliza Bartolozzi Ferreira

Programa de Educação do Campo
Prof. Dr. Erineu Foerste
Prof. Dr. Gerda Margit Schütz-Foerste

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

POVOS

TERRITÓRIOS

SABERES DA TERRA

INTERCULTURALIDADE

MOVIMENTOS SOCIAS

SUSTENTABILIDADE

Organizadores

ARLETE M PINHEIRO SCHUBERT

ERINEU FOERSTE

GERDA FOERSTE

© 2014 Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

Instituições Parceiras
Universidade Federal do Espírito Santo
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo
Movimento dos Pequenos Agricultores
Movimento Sem Terra
Movimento de Educação Promocional do Estado do Espírito Santo
Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo
Associação Pomerana de Pancas
Associação de Cultura e Lingua Alemã do Espírito Santo

Conselho Editorial
Adelar Pizetta
Alexandre Fraga de Araújo
Erineu Foerste
Elida Maria Fiorot Costalonga
Janinha Gerke de Jesus
Gerda Margit Schütz Foerste
Maria Aparecida Trarbach
Paulo Scarim
Ozirlei Teresa Marcilino
Rogério Omar Caliari

Grupo de Pesquisa (CNPq/UFES): Culturas, Parcerias e Educação do Campo
Adriana Vieira Guedes Hartuwig
Ana Flávia Souza Sofiste
Arlete Maria Pinheiro Schubert
Charles Moreto
Claúdio Cari
Fábio Mota Salvador
Jandira Marquardt Dettmann
Janinha Gerke de Jesus
José Pacheco de Jesus
Júlio de Souza Santos
Laura Maria Bassani Muri
Leticia Queiroz de Carvalho
Maria Madalena Fernandes Caetano Poleto Oliveira
Marleide Pimentel Miranda Gava
Ozirlei Teresa Marcilino
Rachel Curto Machado Moreira
Rachel Reis Menezes
Rogério Omar Caliari
Roseli Gonoring Hehr
Sabrina Barbosa Garcia de Albuquerque
Sintia Bausen Küster
Sonia Francisco Clen
Walkyria Barcelos Sperandio

Projeto Gráfico e Diagramação
Leandro de Oliveira Macêdo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

MAPA DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS 9

UNIDADE 1 - TEXTO 1 - CULTURA, CULTURAS, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO 13

UNIDADE 2 - TEXTO 2 - DIÁLOGOS SOBRE CULTURAS E INTERCULTURALIDADE 25

UNIDADE 3 - TEXTO 3 - CULTURAS, INTERCULTURALIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA HIDRICA 45

CULTURA(S), INTERCULTURALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Prezados Cursistas

Este é o Ambiente Virtual de Aprendizagem do curso de aperfeiçoamento em Educação do Campo: Cultura(s) Interculturalidade e Interdisciplinaridade na Educação do Campo. Neste espaço você encontra as orientações básicas do curso, por isso, é importante que você navegue no ambiente, se possível, lendo e seguindo as orientações e questões propostas

Os cursistas estão divididos em grupos por polo, que são acompanhados por um/uma educador/a de base (tutor/a). O curso conta com um coordenador por região, responsável pela interação dos/das educadores/as de base (tutores/as) e cursistas durante o módulo e uma equipe de professores/as pesquisadores/as que acompanha os educadores de base (tutores). O coordenador geral do concurso é o Prof. Erineu Foerste, com colaboração da professora Gerda Foerste e Arlete M.P. Schubert.

O material do módulo está disponível neste ambiente: textos base e leituras complementares, vídeos, orientações e atividades, por isso fique atento as sugestões de períodos e datas. O módulo está estruturado em três unidades com sugestão de duração de duas semanas para a unidade 1 e três semanas para as unidades 2 e 3. Contem atividades que compreendem leituras, vídeos, trabalho em grupo para elaboração e implementação de um projeto pedagógico a partir de áreas disciplinares. A postagem final será a escrita do memorial iniciado no Modulo1. Lembre-se que o memorial está em aberto e continua em construção até o final do Módulo 3.

Algumas estratégias poderão ser usadas para um melhor aproveitamento das leituras deste modulo:

- Faça a sua programação semanal de estudos incluindo um horário para as leituras e atividades sempre que solicitadas.
- Mantenha o seu diário de bordo com anotações, análises e conclusões (provisórias) pois elas vão orientar a sua reflexão no grupo de estudo.
- Solicite, sempre que precisar, orientação ao tutor.
- Trabalhe em equipe sempre que possível (não necessariamente de forma presencial), pois a cooperação é a chave do sucesso.

Seja bem vindo. Seja bem vinda. Sucesso no curso!

INTRODUÇÃO

O módulo II discutirá Cultura(s), Interculturalidade, Interdisciplinaridade e inclusão na Educação do Campo a partir da abordagem teórico-prática dos conceitos e da relação com a produção do conhecimento.

Os textos deste módulo compõem a base para a reflexão teórica e prática, sobretudo para a compreensão de importantes abordagens que atravessam a Educação do Campo: Cultura(S), Interculturalidade e Interdisciplinaridade. O reconhecimento dessas noções em sua própria experiência educativa instigará o (a) cursista a considerar que a Educação do Campo não deve dispensar essas perspectivas em sua análise e práxis educativa.

O primeiro texto, Cultura, Culturas, Cultura Popular e Educação, uma entrevista com o prof. Carlos Rodrigues Brandão, introduz o (a) cursista no debate sobre os principais conceitos a serem trabalhados no módulo e realiza as primeiras reflexões entre práticas, teorias e manifestações culturais e educativas tais como aparecem na experiência de cada um, nos documentos, nos registros ligados ao próprio contexto e na conjuntura, considerando natureza, religiosidades, crenças, mitos, costumes e tradições.

O segundo texto Diálogos, Cultura(s) e interculturalidade, de Adriana V. G. Hartwig e Arlete M. P. Schubert , pauta uma reflexão sobre as diferentes compreensões atribuídas ao termo cultura em diversos contextos e tempos históricos. Busca provocar e refletir sobre as compreensões que perpassam conhecimentos e práticas pedagógicas que, ao se instituírem, influenciam a constituição de identidades.

O terceiro texto, Interculturalidade e interdisciplinaridade. Uma aproximação com a temática hídrica, de Arlete M P. Schubert e Erineu Foerste, propõe uma leitura crítica do paradigma intercultural e sua relação com os conhecimentos disciplinares, e evidencia contextos de vida dos povos indígenas e tradicionais frente ao avanço dos empreendimentos capitalista e sua relação instrumental com a natureza, suas matas e suas águas, especialmente. Partindo do estudo das concepções sobre culturas, interculturalidade e interdisicipliridade procuramos dialogar o que representa os recursos hídricos no conjunto das operações industriais desenvolvidos junto ou no entorno das comunidades das populações tradicionais e dos povos indígenas.

As questões tratadas neste módulo tocam no cerne da relação educação, sociedades e padrão único de civilização. A crítica às racionalidades que regem a existência na sociedade moderna nos move ao aprendizado e à intervenção em processos e mecanismos de discriminação, exclusão e desigualdade presentes na sociedade. Portanto, como objetivo deste módulo, propomos um estudo que instigue a o (a) cursista a compreender a articulação das experiências dos diversos contextos e a educação promovida em sua comunidade escolar.

Nessa direção, as leituras complementares, os vídeos e as atividades propostas remetem o (a) cursista a rememoração e pesquisa das práticas educativas vividas em contextos que serão inspiradores para o registro do memorial, no qual devem ser consideradas memórias, individual e coletiva.

Boas leituras e bons encontros!

MAPA DE ATIVIDADES

OBJETIVO:

No primeiro módulo você escreveu sua memória afetiva das águas relacionadas a momentos e situações distintas da sua vida na comunidade, suas impressões, sentimentos, reflexões a respeito de acontecimentos vividos ou observados. Neste módulo você irá se organizar em Grupos de Trabalho (GT) e elaborar um projeto pedagógico que considere as áreas disciplinares e as concepções de interculturalidade e interdisciplinaridade tratadas nos no módulo 2. Para isso você conversará sobre a temática com seus alunos, com pessoas da população local e fará os seus registros das situações apresentadas e ou observadas em relação a questão das águas no seu contexto.

UNIDADE I. CULTURAS E EDUCAÇÃO (sugestão: Duas semanas)

Texto 1: Cultura popular e educação, entrevista com Carlos Rodrigues Brandão

Leia o texto e reflita sobre a situação no Espírito Santo, considere as experiências dos povos indígenas e populações tradicionais (camponeses, pescadores, quilombolas...) que buscam uma educação diferenciada e diversa do conceito hegemônico de cultura, conforme tratado no texto.

Reflita sobre o significado deste movimento de reconhecimento cultural e a sua compreensão sobre Culturas: Cultura no singular e com letra maiúscula ou culturas no plural?

- Que culturas habitam em mim? No meu grupo de convivência familiar, de amigos e como elas se manifestam e são reconhecidas por mim?

OBS: NESSA UNIDADE NÃO HAVERÁ POSTAGEM DE ATIVIDADES. ASSISTA O FILME E FAÇA ANOTAÇÕES PARA O SEU APRENDIZADO E PARA AS DISCUSSÕES POSTERIORES.

UNIDADE II. CULTURAS EM PROCESSOS (sugestão: Quatro semanas)

Texto 2: Diálogos sobre culturas e interculturalidade (HARTWIG, Adriana V. G.; SCHUBERT, Arlete M.P.)

Leia o texto e reflita sobre as culturas que habitam a sua escola, o seu entorno e como elas são reconhecidas e ou (in) visibilizadas nesses contextos. Reflita sobre as experiências de interculturalidade que existem (ou não), na sua escola. Compartilhe sobre essas experiências e reflexões no seu grupo de estudo.

- Nesta unidade será elaborado um Projeto pedagógico POR ÁREA disciplinar e para isso vocês encontrarão orientações dos professores postadas na plataforma.

- Organizem-se em grupos de trabalho (GT), por área disciplinar, e elaborem o projeto durante esta unidade para implementa-lo, preferencialmente, até o final da unidade 3.

- Naveguem no site "Cartografias afetivas do Rio Jucu" e vejam os vídeos "Defender a vida" e "Onde está a água" como fontes de informação e inspiração para o seu trabalho.

- Leia a orientação postada pelo/a professor/a de ÁREA e discuta com seu GT como poderiam construir, com a participação dos seus alunos, um projeto pedagógico que considere a interculturalidade e a interdisciplinaridade, focando as condições atuais das águas no entorno e contexto cultural em que vivem.

- Colaborem uns com os outros na elaboração e implementação do projeto com/nas suas turmas.

OBS. CADA GRUPO DE TRABALHO (GT POR ÁREA) DEVE POSTAR O PROJETO ATÉ O FINAL DA UNIDADE 2.

UNIDADE III: INERCULTURALIDADE E INTERDISICIPLINARIDADE APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA DAS ÁGUAS. (sugestão: Quatro semanas)

Texto 3: Interculturalidade e interdisciplinaridade – Uma aproximação com a temática hídrica (FOERSTE, Erineu; SCHUBERT, Arlete)

- Leia e reflita sobre as relações que você faz das questões focalizadas na leitura e no vídeo e as questões do seu contexto? Como elas estão inseridas (ou poderia estar) no projeto do GT por área? A partir do debate, reflita com seu grupo sobre quais alterações fariam no projeto que elaboraram. Anotem aspectos relevantes dessa reflexão para adensar o seu memorial.

- Nessa unidade os grupos de trabalho (GT por área) deverão se encontrar para intercambiar as experiências de elaboração dos projetos intercultural e interdisciplinar.

POSTAGEM FINAL - MEMÓRIAS AFETIVAS DAS ÁGUAS.

Os registros selecionados (escritos e imagéticos) deverão ser inseridos no memorial

No módulo 1 você iniciou a atividade de registros de suas memórias afetivas das águas. Dando continuidade a escrita do memorial e como atividade final do módulo 2, você deverá inserir as problematizações, informações e mudanças que ocorreram na sua concepção ao longo deste trabalho e dos estudos realizados neste módulo. Enriqueça o seu memorial com fotografias do projeto, dos trabalho dos seus alunos, dos lugares percorridos, citações do seu diário e com pequenas mídias relacionados a cartografia das águas trabalhadas com a turma.

Unidade 1 Cultura, Culturas e Educação

TEXTO 1 - CULTURA, CULTURAS, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

Nome: Carlos Rodrigues Brandão

Atuação: Professor e pesquisador da UNICAMP. Atua na área de Antropologia com ênfase em Antropologia Rural, Antropologia da Religião e Antropologia e Ambiente, atuando principalmente nos temas: cultura, cultura popular, educação popular e educação ambiental.

Obras: Autor de diversos livros, dentre eles:O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.A Educação Popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1.A Educação como Cultura. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2002. v. 1.

As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia, as culturas indígenas não são culturas rústicas, ou sertanejas, empobrecidas e as culturas rústicas e sertanejas não são culturas civilizadas empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças.

ENTREVISTA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Salto: Qual o sentido de cultura e cultura popular?

Brandão: Cantos, danças, pinturas rupestres ou então, fotografias digitais, crenças, filosofias, visões de mundo, tudo aquilo que nós construímos com as imagens, com os símbolos, com os significados, com os sentidos, com os saberes, os sentimentos, que nós, inclusive, partilhamos quando habitamos uma cultura. Tudo isso faz parte de uma outra dimensão da cultura que nos acompanha e nos torna humanos. Nós não apenas criamos cultura enquanto seres humanos, quando aprendemos a nos colocarmos frente a natureza e a transformá-la. Mas também estamos rodeados, cercados, o tempo, todo, de símbolos, de significados.

O que eu tenho de meu? O que nós temos de nosso para mostrar como o que é nosso, como aquilo que nós criamos e que nos faz iguais a ingleses, a iranianos, a mexicanos e argentinos, porque todos de uma mesma espécie humana, mas diferentes, porque é uma gente de um lugar, socializada dentro de uma língua, com costumes, com gramáticas sociais, com visões de mundo, com tradições culturais próprias. O que nós temos para mostrar, em grande medida é, primeiro: a cultura do lugar, a cultura paranaense, cultura mineira, cultura carioca e, depois, dentro de cultura do lugar, as diferentes culturas que eu posso vivenciar, em Belém do Pará, em São Luiz, no Rio de Janeiro e em qualquer outra cidade.

As culturas não têm todas o mesmo destino, não devem seguir todas a mesma trajetória, assim como as pessoas que nós convivemos não estão todas condenadas a viverem de um modo semelhante ou igual, a estudarem de um único modo, a crerem num único Deus, e da mesma maneira. O que faz a imensa riqueza da experiência humana é que, ao contrário dos gorilas, ou dos chipanzés, nascemos seres de uma mesma espécie com diferenças inexistentes, dentro daquilo que, antigamente, se chamava de raças. Nós somos seres únicos, somos absolutamente idênticos do ponto de vista de identidade, do ponto de vista de inteligência e de desenvolvimento, somos potencialmente de uma mesma espécie. Por outro lado, nós hoje em dia compreendemos que, cada pessoa, isso vale inclusive para as crianças e os jovens de uma turma de estudante, cada pessoa, cada uma de nós, quem quer que seja, independentemente de quem seja, do ponto de vista de qualquer classificação ou preconceito, é uma fonte absolutamente original, peculiar e única de conhecimento, de saber, de vivência, de experiência. E se isso é verdadeiro com uma pessoa, diante de outra pessoa, na relação entre as culturas é mais ainda. As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia, as culturas indígenas não são culturas rústicas, ou sertanejas, empobrecidas e as culturas rústicas e sertanejas não são culturas civilizadas empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças.

As nossas culturas populares, que também são plurais, muitas vezes nós usamos essa palavra no singular, como uma espécie de um grande guarda-chuva para falar do povo brasileiro em oposição a essas culturas eruditas, acadêmicas, e assim por diante. Mas, na verdade, tal como acontece com as línguas, que são uma dimensão da cultura, dentre outras, elas são plurais, elas são múltiplas. Quantas línguas são faladas no Brasil? Muita gente pensa, até ensina na escola, que seriam 7, 8, 10 línguas: português, espanhol, italiano dos imigrantes, polonês, alemão, ucraniano, mas só línguas indígenas nós temos 175, nós somos um país multiétnico, multilingüístico, multicultural. A grande riqueza da experiência humana é que somos iguais, mas somos absolutamente diferentes naquilo que nos iguala.

Salto: Qual o sentido das festas nas culturas populares?

Brandão: O lado da festa em nós existe porque nós não sabemos viver sem retornar, retomar essa experiência da gratuidade, da espontaneidade, do estar com o outro, não para produzir alguma coisa, uma utilidade com o outro, como a gente faz quando está trabalhando, mas para conviver, para conviver através de símbolos, através de significados, através de beleza, através do canto, da dança, da dramatização. Mas existe um outro lado na festa, no ritual, no celebrar e esse talvez

seja o mais antropológico, nós somos também a única espécie que aprendeu a sobreviver porque aprendeu a tirar algo de si e destinar ao outro. Por exemplo, as mães chimpanzés cuidam dos seus filhinhos com muito esmero, mas quando eles desmamam e começam a se bastar para si, elas os abandonam. Eles vão conviver com um bando. E aquela mãe vai se preparar para ter uma outra cria e repetir o mesmo cuidado. Nós somos a única espécie que, desde a aurora da humanidade, desde que nós nos tornamos humanos, toma alimentos e os destina a outras pessoas. Nós somos a única espécie que criou formas de relação entre pessoas que são permeados por leis sociais, que nos obrigam a um contínuo "intertrocar", entre nós, serviços, prestações de serviços, bens, que muitas vezes nós chamamos de presentes, mensagens, significações, saberes. Numa conversa, num momento de festa na escola, numa formatura ou durante a recepção de uma nova turma de alunos, nós estamos, simbolicamente, no que comemos, no que bebemos, na maneira como decoramos o ambiente, na maneira pela qual alguém vem e diz alguma coisa. Nós estamos entremeando essa reciprocidade através da qual nós nos tornamos humanos, e criamos significados. A festa é o momento em que uma pessoa, um par de pessoas, de preferência uma família, uma parentela, uma comunidade, um grupo de amigos, ou seja lá quem for, às vezes até uma multidão, se reúne para viver o momento em que o que se troca não são tanto bens, bens materiais, coisas utilitárias, como numa situação de trabalho, mas trocam-se afetos, símbolos, significados, identidades, estimas. Isso se faz com a música, com o canto, com a dança, com as fantasias, com as roupas, com as dramatizações.

Salto: E no caso das festas populares? Qual seria a marca dessas festas, as relações entre tradição, enigma a perpetuação e, ao mesmo tempo, renovação de rituais, de celebrações e comemorações?

Brandão: Quando chega o Natal aqui no Brasil, uma imensa quantidade de pessoas, lastimavelmente, vive um Natal de shopping, onde há sempre um Papai Noel, que é fotografado com crianças, uma árvore de natal coberta com algodão para fingir que aquilo é neve, a figura das renas e uma série de músicas muito bonitas: "Noite Feliz", "Jingle Bells", que de repente são formas de celebrações bonitas, mas que vêm de outro mundo. São universais, esparramam-se por boa parte, pelo menos do mundo cristão. Enquanto isso está acontecendo em Copacabana (RJ), Morumbi (SP) ou num bairro de Belo Horizonte (MG) e, muito provável que em um número enorme, seria incontável, de periferias de cidades pelos Brasis afora ou então, de lugarejos rurais, às vezes, inclusive, muito distantes uns dos outros. Santa Catarina, Pernambuco, Maranhão, e Sertão de Minas, pequenos grupos de pessoas, que são artistas, tocam instrumentos, violões, violas, pandeiros, caixas e que vêm com roupas com fitas, às vezes até acompanhados de uns palhaços mascarados. Essas pessoas vão de casa em casa. Não apenas cantando, não também representando qualquer coisa, mas vão anunciando às pessoas da casa o momento do Evangelho cristão que é o momento do nascimento de Cristo. E eles se apresentam como os Santos Reis, os emissários Santos Reis. Nós estamos falando de uma folia de Santos Reis. De um ritual, de uma celebração que é parte do que nós chamamos, tradicionalmente, catolicismo popular ou religião popular ou religiosidade popular e que tem algumas características muito especiais. Primeiro, que é absolutamente nosso, ainda que talvez, na sua origem, tenha vindo de Portugal. Em segundo lugar, é alguma coisa muito marcada do que nós chamamos de tradição popular.

O que nós vemos na folia? Se uma pessoa chegar num momento culminante da Folia de Santos Reis, que é dia da festa de Santos Reis, normalmente no 6 de janeiro. Se a pessoa vai com um olhar muito apressado, ela vai ver uma festa parecida com qualquer outra, ela vai ver bandeirinhas, luga-

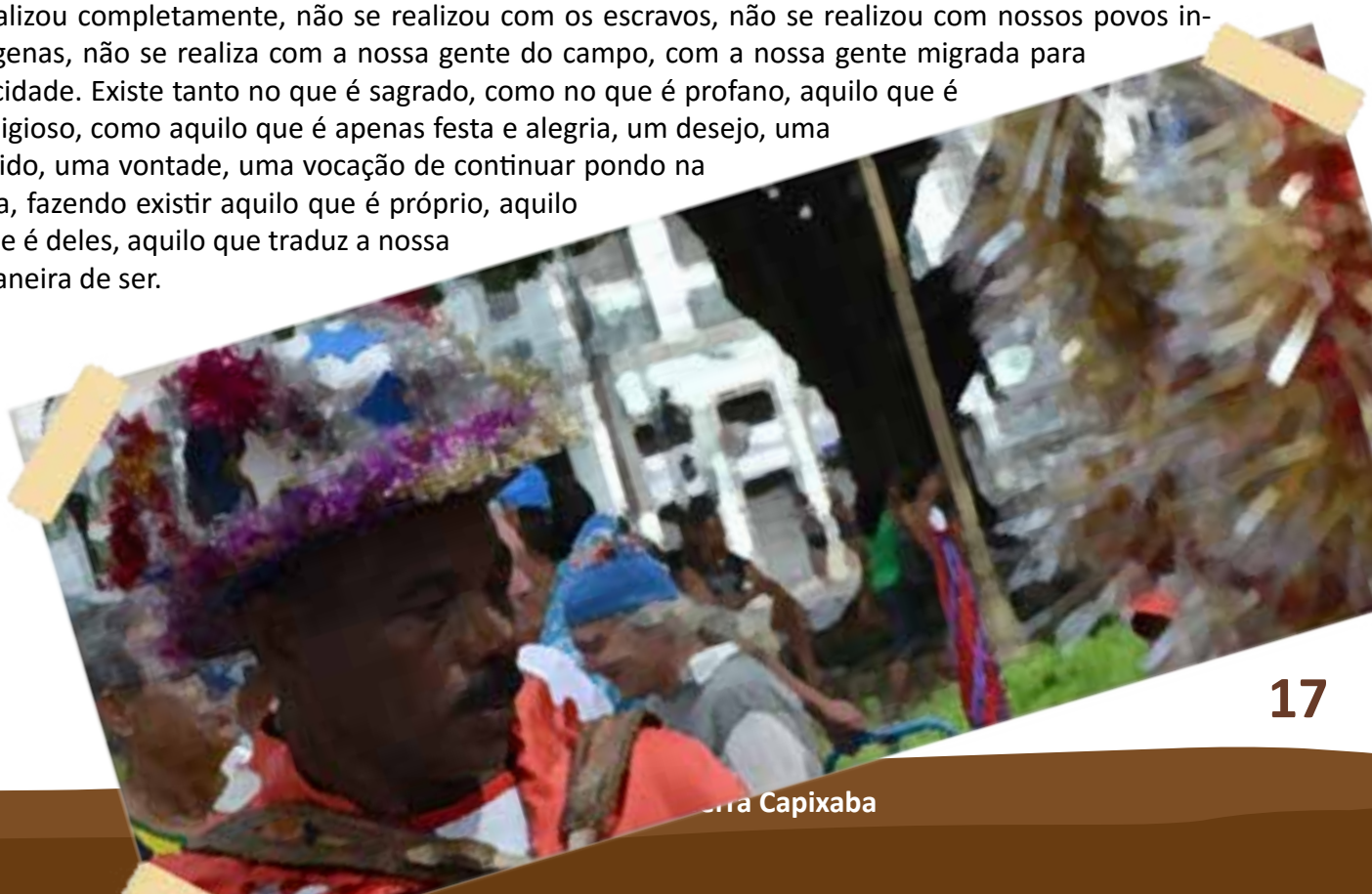
res ornamentados, comilança, pessoas na cozinha fazendo comidas, umas pessoas cantando, outras brincando, meninos, um homem vestido de palhaço, correndo atrás de crianças, tudo fica meio parecido com outra festa qualquer. Se ela olhar mais de perto, ela vai ver uma característica muito própria das culturas populares, a que marca uma diferença entre elas e as nossas culturas, digamos, mais eruditas, mais urbanas, é que normalmente são festas para todos, são festas abertas, você não precisa pedir licença para chegar e participar. Vamos dizer que a pessoa que chegar à festa converse com um mestre, um coordenador do grupo em geral, o artista mais velho, que até forma as outras pessoas que cantam, que tocam instrumentos. O mestre vai dizer, primeiro, que aquilo é muito antigo, muitas vezes até ele vai desfiar uma fileira de parentes: "Ah! Isso foi meu bisavô que passou para o meu avô...". Isso é muito comum não só aí na folia, mas em várias outras festas, cerimoniais, rituais religiosos ou não, aqui no Brasil das culturas populares. Às vezes, até ele vai associar os acontecimentos muito antigos, ou ele vai dizer que veio do começo do mundo, ou ele vai dizer que isso veio desde quando os reis magos, há milhares de anos, foram visitar o menino Jesus. Então, nós fazemos isso numa memória daquele acontecimento. Ele pode até dizer que nós representamos os três Reis, ou, então, nós somos os três Reis, estamos a caminho de Belém para visitar o menino Jesus. E ele vai, inclusive, demarcar essas situações, porque é preciso ter um conhecimento da folia, aí são as pessoas que eu treinei, que eu ensinei, aqui está meu filho, está meu neto, meu cunhado, participam do meu grupo, eu mesmo sou folião há 30, 40 anos. Mais qualquer pessoa pode vir para pagar uma promessa, acompanhar, pode participar da festa, pode participar. São acontecimentos cerimoniais permeados de símbolos, de significados próprios de um povo que a gente não pode esquecer que é, normalmente, povo num duplo sentido da palavra. Povo, porque é gente camponesa, gente operária, são as pessoas que muitas vezes, quando chegam ao Ensino Médio, em termos da formação escolar, já é muito. E povo no sentido de que, sobretudo, numa sociedade desigual como o Brasil, uma sociedade ainda tão marcada por desigualdades sociais e por exclusões é, normalmente quem ficou na periferia, quem ficou na periferia, é gente posta à margem.

Daqueles que justamente criam e recriam os Quilombos negros, ou, então nas nossas comunidades rurais camponesas pobres, ou então, nas nossas periferias pobres das cidades, essas inúmeras tradições que são populares nesse duplo sentido, porque são culturalmente um fio ao longo da história de gentes do povo, do Brasil, e populares porque em grande medida são experiências vividas por pessoas mais pobres, muitas vezes até mais postas realmente à margem numa sociedade tão brutalmente excludente como a nossa.

Salto: Apesar mídia não enfocar muito essas manifestações, não valorizar e muitas vezes simplificar, de certa maneira, elas sobrevivem, revivem e se renovam. Como entender esse processo todo?

Brandão: Existem explicações históricas e teorias, algumas até muito elaboradas e complicadas, para isso. Há pouquinho tempo, eu vi um documentário na televisão mostrando uma cidade muito isolada na Sibéria, na Rússia, onde há uma igreja, mais ou menos em ruínas, muito antiga. E a igreja absolutamente cheia de fiéis e o comentarista diz: "Após 70 anos de proselitismo ateu em toda a Rússia, nem bem ele saiu deu lugar a um novo tipo de sociedade. Muito do que estava reprimido, sepultado, proibido, como tradições religiosas ou outras tradições do povo ou povos da Rússia reemergiu com uma força inacreditável. Nada mais repleto de gente do que as igrejas e nada mais praticável nas igrejas do que um cristianismo russo muito tradicional, como se ele viesse do século XIX ou de outros séculos, e rompesse de novo em pleno século XX. E esse fenômeno é universal. A maneira mais simples de compreender isso é ouvindo as próprias pessoas do povo. Quando a gente vai conversar com uma mãe-de- santo, com um artista do barro do Jequitinhonha, um mestre da Folia de Santos Reis, com um dançador de Congo, com um capitão de terno de Moçambique, essas pessoas de Norte a Sul do Brasil, homens e mulheres praticantes dos mais diferentes tipos e modalidades de cultura popular, cultura material, artesanato, cultura imaterial, se vocês quiserem, que vai desde o cordel até as festas populares do Bumba- Meu-Boi, eles quase sempre vão dizer: Isso é uma tradição que vem de muito longe, isso é alguma coisa que meu avô ensinou para o meu pai, meu pai ensinou para mim e eu quero ensinar para os meus filhos, para eles ensinarem para os netos. Na inocência dessa genealogia, essas pessoas estão quase que produzindo uma teoria popular da própria preservação e resistência das culturas populares. Eles até poderiam dizer: "nós não ganhamos nada com isso, ao contrário, nós até gastamos para que isso continue a ser realizado". Quantas vezes eu mesmo participei de situações no sul de Minas, mas também em Goiás e em regiões da Serra do Mar, em São Paulo, e que uma pessoa, por uma promessa feita a um santo ou, então, simplesmente pela alegria de ser um festeiro daquele ano, se endivida por 5 ou 6 anos, financeiramente, por promover uma festa, para recriar naquele ano. Apesar de toda a ajuda dos vizinhos, parentes, porque há toda uma partilha muito bonita, perdida nos nossos edifícios, nas nossas cidades, mas muito viva ainda nesses mundos populares.

A submissão de povos indígenas, de afrodescendentes, de nossa gente do povo aos poderes senhoriais, os poderes, não só econômicos, mas também políticos e também da mídia, nunca se realizou completamente, não se realizou com os escravos, não se realizou com nossos povos indígenas, não se realiza com a nossa gente do campo, com a nossa gente migrada para a cidade. Existe tanto no que é sagrado, como no que é profano, aquilo que é religioso, como aquilo que é apenas festa e alegria, um desejo, uma libido, uma vontade, uma vocação de continuar pondo na rua, fazendo existir aquilo que é próprio, aquilo que é deles, aquilo que traduz a nossa maneira de ser.



PAPEL DA ESCOLA E DA MÍDIA

Salto: Qual seria o papel da escola e da mídia, se elas pudessem trabalhar a favor dessas classes populares, dessa cultura popular, no sentido de estar junto, de promover, de incorporar, de se reconhecer...

Brandão: Essa é uma questão muito complexa. Eu poderia responder a você com a minha própria experiência. Eu poderia dizer o seguinte: Alguns dos melhores aprendizados que eu tive e sigo tendo a respeito de culturas populares, inclusive de outros povos, de lugares onde eu nunca fui, foi através da mídia, foi através de vídeos, de filmes, de programas culturais na televisão. Eu mesmo tenho uma coleção de discos de músicas etnográficas, de povos indígenas do Brasil. E de outros lugares, vários do mundo, músicas indígenas, de camponeses. Não fossem esses recursos, eu nunca ouviria essa música. Algumas dramatizações de culturas populares, às vezes, prestam um serviço muito grande, porque trazem e colocam a frente milhões de pessoas alguma coisa que é uma retradução de experiências culturais. Mas, por outro lado, muito das piores coisas que eu tenho visto acontecerem no mundo das culturas populares também, através, não só da mídia em si, mas de uma associação entre o interesse de apropriação das culturas populares como mercadoria, esse que é o problema fundamental. É, misturada com uma espécie de domesticação midiática das

culturas populares, há uma tendência, por exemplo, a tomar grupos de Bumba-Meu-Boi, de São Luiz do Maranhão, que secularmente se apresentam em suas comunidades, em dias próprios e com toda uma significação ritual, e colocar aquilo na porta do hotel. Ou colocar aquilo para ser filmado pela televisão e, de repente, ser cortado e aparecer em 3 minutos, como se tudo aquilo acontecesse segundo o olhar do programador da televisão. O que nós chamamos transformar o ritual, o que uma comunidade cria e vive, alguma coisa que ela cria a respeito dela mesma para ela mesma vivenciar num espetáculo fragmentado, deslocado, muitas vezes até perdido do seu sentido original para uma platéia assistir.

Salto: E qual o papel da escola?

Brandão: Então, desde o ensinar uma criança a falar "direito", que era esquecer a maneira de se falar para aprender uma forma letrada e única, de uma brasilidade inexistente, até esse apagamento das nossas tradições populares em nome, muitas vezes, de uma incorporação de valores universais que nos pareciam até desfigurados na nossa educação. Isso tudo realizou uma espécie de divórcio, de alheiamento entre o Brasil e as nossas culturas. Aliás, isso não aconteceu só aqui, de muitos modos, aconteceu em muitos outros países, é típico de todo um momento de visão, de progresso, de desenvolvimento, de branqueamento, de ocidentalização que estava muito compatível com aquilo que eu falei no começo. Isso foi feito de acordo com a visão de que as culturas indígenas, as culturas de tradição africana e culturas populares eram culturas do passado, eram culturas atrasadas, eram culturas a serem superadas em nome de uma cultura branca, letrada e erudita. É muito interessante que, enquanto isso está sendo realizado na educação brasileira, grandes nomes da nossa literatura, da nossa música, da nossa poesia, das nossas artes plásticas estão justamente se voltando para as culturas populares. José de Alencar, o romantismo brasileiro, a descoberta dos nossos índios, Euclides da Cunha escrevendo Os Sertões e trazendo para o Brasil todo o modo de ser e viver das gentes dos fundos da Bahia, mais tarde Mario de Andrade saindo para o Brasil, pesquisando com equipamentos precaríssimos os nossos negros, os nossos indígenas, as nossas músicas e festas tradicionais. O movimento que vem do século 19, de redescoberta das nossas raízes, das nossas maneiras indígenas, negras, populares de ser, mas de certa maneira impermeável à educação. Hoje nós estamos vivendo um momento, não só aqui no Brasil, mas em vários lugares do mundo inteiro, nós descobrimos que a única maneira de nós nos universalizarmos, uma palavra melhor do que globalizar é estabelecermos diálogos entre nós e com aquilo que nos é próprio e peculiar, que está na raiz da nossa identidade, da nossa maneira de ser.

Preservar culturas, eu tenho um pouco de dificuldade de lidar com essa expressão, às vezes eu gosto de dizer que uma cultura que precisa ser preservada para viver já morreu. O que eu quero dizer, uma das idéias fundamentais de quem estuda culturas, aí num sentido mais amplo, culturas populares, é que ou elas têm a sua própria vida ou não têm vida nenhuma, ou seja, toda a cultura de um povo indígena, de um terreiro de candomblé, a de uma comunidade rural do São Francisco, ela é viva e dinâmica, enquanto ela se faz de dentro para fora, enquanto ela se cria, enquanto ela é autônoma, enquanto ela faz os seus próprios rumos. Quando ela começa a estabelecer vínculos, não de diálogos, que é uma coisa boa, inclusive com a própria escola, mas de dependência da mídia, do mundo empresarial, da prefeitura, ela está assinando o seu testamento. Então, o que eu acho que nós podemos fazer é criar condições para que, de uma maneira autônoma, criadores de cultura popular, desde uma pessoa individualmente até toda uma comunidade, possam recriar e possam vi-

ver da maneira mais livre e autêntica possível as suas próprias experiências de festas, de criações de cultura imaterial e assim por diante. Eu costumo dizer que se uma escola só se lembra das culturas populares na semana de 22 de agosto, é melhor não fazer coisa nenhuma.

Partir dessa visão "aulista", monológica de um professor ensinando aos alunos, quem sabe dando a quem não sabe, aquilo que Paulo Freire chamava de uma educação bancária, para uma educação dialógica que parte inclusive daquele princípio de que eu falava, de que cada criança, cada pessoa é uma fonte original de saberes, é uma experiência única e irrepetível de saberes. Ao mesmo tempo e no mesmo movimento, estabelecer uma relação diferente entre a escola e a comunidade. Eu sei que isso é muito difícil, algumas escolas conseguem e ganham muito com isso, que é tomar o lugar social em que uma escola está, numa zona rural, uma periferia de cidade, um lugar qualquer, um bairro, não como aquele lugar em que a escola acidentalmente está, mas como aquilo que eu chamo uma comunidade de acolhida. Eu costumo dizer que antes de a escola ter vindo para cá, aquele lugar já existia, e se ela for embora ele vai continuar existindo, a escola passa, pode ter uma vida longa e Deus queira que tenha, mas aquela é uma comunidade que tem uma vida própria.

A idéia é de uma cidade educadora, de fazer com que todo o bairro, toda pequena cidade, até mesmo uma grande cidade, se transforme num múltiplo, polissêmico lugar de experiências de inter-trocas de saberes de valores, de experiências de vida, de culturas, de culturas populares. E fazer com que a escola deixe de ser esse lugar trancado, que esse cenário de aulas só para os alunos se transforme num centro irradiador de cultura em diálogo constante com a comunidade.

O que nessa comunidade, nesse bairro, onde nós estamos, nessa periferia, nessa zona rural, o que é vivido pelas pessoas? Isso é cultura popular viva. Não tem mais Congada, não tem Folia de Reis, mas tem hip-hop, periferia de São Paulo, bota então hip-hop. Então, o que as pessoas estão vivendo, no seu cotidiano, no seu pensar, no seu sentir, no seu vivenciar, nas suas festas, nas suas celebrações, quantas coisas lindas estão acontecendo numa casa, numa Igreja, às vezes, até num bairro, num campo de futebol, a vida cultural de uma comunidade e a escola, às vezes, é impermeável a esses acontecimentos. Não há comunidade, não há lugar nosso que não tenha os seus criadores populares de cultura, é preciso tentar incorporar a experiência cultural que se vive na escola com a experiência que se vive na comunidade local.

Ou seja, é essencial não trazer, de forma artificial, culturas populares para numa semana, num dia, colocar no palco da escola, mas interagir, integrar as várias dimensões das diferentes culturas brasileiras como coisas vivas que, justamente, existem e são significativas porque estão em permanente diálogo.

Então, o que eu estou sugerindo é que a escola não estabeleça essa separação entre o curricular, que é o erudito, o escolar, o normativo, o utilitário, o que realmente importa, do extracurricular, aquilo que entra pela porta do fundo, tem um dia, uma semana para aparecer e depois sumir, porque outra coisa vai ocupar o seu lugar. Mas que haja uma integração e que, de repente, pessoas da comunidade, sábios do lugar, memória da nossa gente que tem uma outra história para contar, o que é ser carioca, o que é ser mineiro, o que é existir numa escola da Lapa ou então em São Luís do Maranhão, ou então, na beira do Rio São Francisco, tudo isso que é não só uma cultura popular folclórica, mas uma experiência cultural enraizada na vida das pessoas, que dialogue com a própria escola.

Fonte: http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/carlos_ brandao.htm

ASSISTA O FILME

O ALUNO

SINOPSE:

Maruge lutou pela liberdade de seu país, foi preso e torturado. Aos 83 anos, se fazendo valer de um discurso do Presidente do Quênia que garante educação para todos, Maruge decide se matricular numa escola primária. Como a escola possui mais crianças do que sua estrutura precária suporta, sua matrícula é negada e ele precisa insistir muito até ser aceito. Porém, ao começar a estudar, a atitude de Maruge gera revolta e indignação na comunidade, colocando sua segurança em risco.

TRAILER

Título Original: The First Grader (EUA, Grã-Bretanha, Irlanda do Norte)
Ano: 2010 Direção: Justin Chadwick

Unidade 2 Culturas: Produtos e Processos

TEXTO 2 - DIÁLOGOS SOBRE CULTURAS E INTERCULTURALIDADE

Adriana Vieira Guedes Hartuwig[1] Arlete M. Pinheiro Schubert[2]

Objetivos: A partir da leitura e discussão com seu grupo de estudos e tutor você será capaz de:

- Conhecer diferentes aspectos do debate que consideram os conceitos de cultura e interculturalidade na educação do campo;
- Reconhecer e analisar a presença desses conceitos em sua própria experiência educativa (teórico-prática);
- Estimular memórias e narrativas sobre os temas abordados.

1- O QUE É CULTURA?

Para início de conversa é preciso ficar claro que existem diversas maneiras de situar, definir e interpretar o termo cultura. Atualmente têm-se intensificado pesquisas, debates e políticas que envolvem discussão e tentativas de definição de cultura. A polêmica e a polissemia de conceitos têm levado muitos estudiosos e pesquisadores das ciências sociais a afirmar que a busca por sua definição tem gerado mais perguntas do que respostas. Apesar disso, é preciso reconhecer que sua compreensão é fundamental para os estudos ligados às várias áreas das ciências sociais, especialmente para nós que atuamos no campo da educação.

Para Canclini (2007) alguns estudiosos pretendiam encontrar um paradigma científico que organizasse o saber sobre a cultura, mesmo reconhecendo coexistirem múltiplos paradigmas havia o anseio de eleger algum que tivesse maior capacidade explicativa. Porém, o relativismo epistemológico e o pensamento pós-moderno debilitaram, por caminhos distintos, a preocupação com a unicidade e a universalidade do conhecimento. Além disso, "A própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas" (CANCLINI, 2007, p. 36).

Diante do reconhecimento de que todas as concepções intelectuais acerca de cultura são também construções especificas dos grupos sociais que as elaboram, Canclini (2007) não prefere a priori uma versão sobre os processos sociais, mas escolhe ouvir com igual atenção os diferentes relatos/narrativas quando falamos de cultura. Sendo assim, são apresentadas algumas noções.

As noções idealistas - A primeira noção apresentada se refere à cultura como "acúmulo de

1 Pedagoga da rede municipal e estadual de ensino do município de Santa Maria de Jetibá e professora da Faculdade da Região Serrana - FARESE. Trabalha com disciplinas ligadas à organização e desenvolvimento do currículo escolar da Educação Básica. É mestre em Educação pela UFES e desenvolve pesquisa sobre a Educação e Cultura Pomerana no ES. Publica trabalhos relacionados aos temas: Educação do Campo, Educação Infantil, Formação de professores, Cultura. E-mail: adrianavgh@yahoo.com.br

2 Mestre em Educação pela UFES, com graduação em História, especializações em Filosofia da Religião (UFES) e em Culturas e Diversidade dos Povos Indígenas (Faculdades EST-RS). Desenvolve pesquisas sobre temas relacionados a povos indígenas; culturas e Educação. Trabalha com formação de professores e Integra a Comissão de Estudos Afrobrasileiros (CEAFRO) da Secretaria de Educação de Vitória-ES (desde 2012). Participa do grupo de pesquisa em Educação do Campo(ufes). E-mail: schubertarlete@gmail.com

conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas" (CANCLINI, 2007, p. 37), quando se faz com que se assemelhe a educação, ilustração, refinamento e informação ampla.

Bauman (2005), explica que a palavra "cultura" entrou em nosso vocabulário dois séculos atrás como antônimo de "natureza", denotando características humanas que, em oposição aos inflexíveis fatos da natureza, "são produtos, resíduos ou efeitos colaterais das escolhas dos seres humanos. Feitas pelo homem, teoricamente podem ser por ele desfeitas" (BAUMAN, 2005, p. 67).

Cultura e Civilização - Estas noções possuem sustentação na filosofia idealista, elaborada pelos historiadores e filósofos alemães entre os séculos XVII e XIX. Entre esses, houve a diferenciação dos conceitos de cultura e civilização. O conceito de cultura passou a ser utilizado em relação ao processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos, ou seja, um processo de refinamento intelectual ou espiritual, diferindo assim do conceito de civilização, utilizado para designar, de maneira geral, o conjunto de traços, de fenômenos culturais relativos a um ideal de progresso intelectual, técnico, moral e social.

Canclini (2007) faz a crítica sobre esta distinção entre civilização e cultura dizendo que esta ideologia não é apropriada para a caracterização da cultura, pois essa concepção

> Naturaliza a divisão entre o corporal e o mental, entre o material e o espiritual, e, portanto, a divisão do trabalho entre as classes e os grupos sociais que se dedicam a uma ou a outra dimensão. Naturaliza, igualmente, um conjunto de conhecimentos e gostos que seriam os únicos que valeria a pena difundir, formados numa história particular, a do ocidente moderno, concentrada na área europeia ou euro-norte-americana (CANCLINI, 2007, p. 37).

No século XIX, outro sentido de cultura muito difundido por teóricos do evolucionismo foi o de

transpor a teoria de Darwin sobre a evolução do homem para o plano social e cultural. Para esses pensadores, a humanidade passaria por estágios de evolução cultural, de sociedades primitivas até ao modelo civilizado. Essa visão justificava o estabelecimento de uma escala de civilização que colocava no topo as nações européias, e abaixo delas, as demais nações cujos povos eram considerados primitivos e selvagens. Foi a forma de impor certos conhecimentos como universais e alicerçá-los com base em determinados critérios de valor, estéticos, morais e cognitivos. Esse tipo de ideologia, por vezes, servia aos objetivos da colonização de outros territórios.

Alta Cultura e Baixa Cultura - A partir das ideias apresentadas surge a diferenciação entre alta cultura e baixa cultura. A "alta cultura" passou a funcionar como modelo daquilo que é culto, que possui valores intelectual e artístico, ao contrário da "baixa cultura" - sinônimo de uma cultura inferior.

Isso também explica a marca elitista que ganhou a concepção de cultura presente no imaginário social, vinculada à ideia de algo culto e ao grau de instrução adquirida por meio da escolarização, capaz de propiciar o acesso aos bens produzidos por uma sociedade, como obras de artes e a comportamentos sociais refinados. Entretanto, esta concepção a respeito do que realmente significa o termo "cultura", não permite dizer que o índio, o negro, ou o camponês, dentre outros, não possuem cultura.

Cultura, no entanto, " pode ser entendida como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano" (CANDAU, 2002, p.72). Se for assim, toda pessoa humana é produtora de cultura independente de classe social a qual pertence e do acesso à escolarização formal.

> A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico. Envolve criação e recriação, é atividade, ação. É considerada também como um sistema de símbolos que fornece as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas
>
> (CANDAU, 2002, p. 72).

A palavra "símbolo" em grego sumbolon significa "sinal de reconhecimento". Assim, os sujeitos que formam a sociedade usam e compartilham esses símbolos para expressar sua visão de mundo, valores, ethos e outros aspectos de sua cultura.

1.1 AS CULTURAS SE REORGANIZAM E SE TRANSFORMAM , SÃO PROCESSOS E SÃO PRODUTOS

Para Geertz (1989), o estudo dos símbolos traz revelações sobre a cultura e confirma que nenhuma cultura é "pura", mas sim, impregnadas por outras culturas, da mesma maneira que os discursos são impregnados por outros discursos. Ao desenvolver concepções sobre a cultura, o autor afirma que a tentativa de desenvolver uma teoria interpretativa das culturas não podia se reter e se orientar por um conceito restrito ou reducionista de linguagem e cultura. Além disso, ele argumenta que a linguagem e a cultura são fenômenos complexos e em constantes movimentos de transformações e encontram-se interligados. A cultura e a linguagem jamais podem ser vistas como processos isolados das suas condições de produção, mas a interpretação que delas será feita vai depender do contexto a ser analisado.

Um conceito de cultura ainda muito vigente entre nós é pensar a cultura como um produto

pronto e acabado, que permanece fixa, congelada ao longo dos anos. Outros traços também são a ela atribuídos como genuidade, pureza, autenticidade. Porém, a cultura deve deve ser entendida como processo dinâmico que se produz e se modifica, de acordo com os acontecimentos e o contexto social e histórico vivido.

Para Stuart Hall, a cultura não apenas "uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma arqueologia". Para ele,

[...] A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.(STUART HALL,2009, p. 43)

Ao mesmo tempo em que o autor favorece uma compreensão sobre o dinamismo da cultura, argumenta que os movimentos atuais da globalização provoca ações que subvertem cada vez mais os próprios modelos culturais herdados (essencializantes e homogeneizantes). Nessa dinâmica, desfaz os limites e desestabiliza as identidades fazendo com que muitas identidades não aceitem se sujeitar estar sujeitas ao plano da história, da política, da representação.

Grupos identitários que tentam construir e manter sua identidade cultural a partir de uma concepção fechada de cultura estão primordialmente em contato com um núcleo que acredita ser imutável e atemporal, ligando passado e presente numa linha ininterrupta. "Esse elo umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade" (Hall, 2009, p. 29)". "Tudo isso se configura como "um mito" – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido à nossa história" (HALL, 2009, p. 29).

HALL chama de processo de tradução a situação na qual as pessoas retêm forte vínculo com suas tradições, mas sem a ilusão de fixar o passado. Negociam com as novas culturas com as quais estão em relação sem perder suas identidades. Segundo Hall (2005), a palavra "tradução" tem origem no latim e significa "transferir", "transportar entre fronteiras". Nesse caso, não se trata de transferir ou transportar um significado pronto e acabado, mas um significado que será construído a partir de uma dupla inscrição, que remete ao significado da língua original e, em seguida, quando imagina e modela novo significado na língua que será transmitido.

A seguir, nos BOX1, BOX2 e BOX3, ilustramos essa reflexão:

A cultura, portanto, é um processo contínuo de construção reinventada, recriada e transfor-

BOX 1

Os descendentes de pomeranos de Santa Maria de Jetibá (ES), inseridos numa comunidade de tradição oral, aprenderam no Brasil , a interagir com pelo menos três identidades, e falar três linguagens culturais (pomerano, alemão e português) e a negociar entre elas, sendo possível dizer que se tornaram "sujeitos traduzidos". Esse é um exemplo de hibridização[5] cultural a ser descoberto, compreendido e visibilizado. Um indício de que a mudança social não é apenas herança da forma antiga de organização social pomerana é o fato de que a influência de traços, elementos e características culturais dos 'brasileiros', principalmente dos camponeses, é muito presente nos dias atuais entre os pomeranos e em muitos aspectos: na língua, alimentação, música "caipira", nos eventos festivos, vestuário, narrativas, etc. De acordo com a narrativa de pomeranos encontramos um exemplo sobre as relações estabelecidas entre tradição e mudança. Os referidos pomeranos mais idosos contam que suas mães diziam que os macacos, em especial, o Guariba e o Muriqui, espécies da região de Santa Maria de Jetibá, traziam os bebês . A figura da cegonha foi assim substituída pela figura do macaco, ilustrando a maneira dinâmica como que os discursos recentes incorporam e são incorporados aos discursos antigos. Existem alguns relatos que dizem que o (oua??) Guariba é um animal que prevê a chuva, pois revela as mudanças de tempo emitindo sons altíssimos. Dizem os pomeranos que "eles prenunciam chuva". Estas crenças "atribuem à figura do macaco um ser que é símbolo da fertilidade das mulheres e da terra, "[...] observamos, assim, que no imaginário pomerano está presente uma forte relação entre fecundidade animal, humana e agrária" (TRESSMANN, 2005, p. 166). No contexto interétnico entre pomeranos e brasileiros a própria cultura pomerana foi reordenada. "A adesão a novos costumes não se tratou de uma ruptura com a tradição, mas guarda relação de continuidade com as práticas culturais da época anterior à chegada ao Brasil" (TRESSMANN, 2005, p. 166).

[5] Partindo do pressuposto de que atualmente poucas culturas podem agora ser descritas como unidades estáveis e com limites de território delimitados, Canclini (2008), entende por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. As estruturas chamadas discretas formam o produto de hibridizações culturais. Trata-se de um movimento não puro, transitório e provisório. Além disso, o autor afirma que hibridização não é sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que auxiliar nos processos de negociações interculturais recentes devido à ausência de projetos de modernização na América Latina.

BOX 2

Entre os indígenas, na transmissão de conhecimentos se reconhece o valor que é dado à tradição, especialmente são respeitados e considerados nessas tradições indígenas o valor da ação e o valor do exemplo (Notas sobre a educação na sociedade tupinambá. Fernandes, 1975, p. 44). Segundo observações do estudioso, "aprender fazendo" se constituía, tal como uma máxima, fundamental na filosofia educacional indígena: "mesmo antes que a significação das ações pudessem ser captadas e compartilhadas, os adultos envolviam os imaturos em suas atividades ou estimulavam a reprodução de situações análogas entre as crianças". Observando aspectos relativos ao nascimento, por exemplo, conforme cada realidade, cada pessoa implicada no nascimento terá grande importância na educação da criança, seja porque a recebe em suas mãos ou porque corta o cordão umbilical, ou dá o primeiro banho, após o nascimento. Algumas tradições são hoje reconhecidas em função das observações realizadas por Métraux (1979, p.84-85). Segundo ele, "o bebê, logo após o nascimento, era banhado no rio, depois do que, seu pai, ou o chamado 'compadre', achatava-lhe o nariz com o polegar. Em seguida, untavam-no de óleo e pintavam-no de urucu e de jenipapo [...]." Depois disso, os índios colocavam a criança em uma pequena rede, "pendurada entre dois esteios de madeira, fazendo-lhe, então, um Itamongavé , isto é, uma cerimônia religiosa de bom presságio [...]". Durante três dias o pai permanecia com a mulher e, "não comia qualquer carne, peixe ou sal, exceto uma farinha de nome ouic, feita de água pura; também não fazem nenhum trabalho, isto tudo até que o umbigo caia [...]. Durante todo esse período as mulheres observam uma abstinência maior e mais prolongado do que a dos homens".

Hábitos antigos possibilitaram a permanência do bebê com a mãe, que ficava preso ao seu corpo por uma tipóia, e ela não se afastava dele nos primeiros meses de vida. Tais condições, proporcionadas pelo modo cultural da comunidade, transmitiam segurança ao bebê, já que os afazeres permitidos nesse período como, coletar lenha, frutos, cozinhar, plantar não se constituíam razão para afastar o bebê do seu colo. O comportamento da mãe e do pai no momento do parto refletia uma projeção educativa, mas é necessário reconhecer que desde o início da colonização até as maneiras mais modernas de parto, provocaram alterações no tempo e nos modos da criança permanecer com a mãe no tempo de amamentação, o que implicou bruscas mudanças no processo educativo indígena.

As situações e condições da inserção dos diferentes povos na sociedade brasileira mostram que nem sempre o que no passado era relevante para a educação indígena se encontra em cada cultura, na atualidade, e muito menos da mesma forma. Por isso, a análise da realidade deve atingir o mais possível cada caso e situação concreta da sociedade considerada, em se tratando de processos de perdas ou de transformações culturais.

BOX 3

Entre os africanos que foram obrigados a atravessa o oceano Atlântico em precárias embarcações para o Brasil, como escravos, se encontravam presente reis, rainhas, princesas, príncipes, ferreiros e sábios das tradições culturais, na arte da criação de gado, da produção agrícola, entre outros. Alem do trabalho escravo eles conseguiram reorganizar, em terras brasileiras, suas culturas, em condições adversas. Como forma de resistência cultural eles forjaram diferentes formas de existência e dentre elas agrupamentos de africanos conhecidos como quilombos, lugar de refúgio do cativeiro, onde trabalhavam, celebravam seus rituais e festejavam, escapando ao domínio dos senhores brancos. A palavra quilombo foi reapropriada, em nosso século pelos remanescentes de negros escravizados que habitam um território, agora para reivindicar direitos a terra, à educação e à cultura.

Entre os relevantes saberes tradicionais dos afrodescendentes está o relacionado ao cultivo da mandioca e à torrefação da farinha, transmitido há gerações por seus antepassados. Encontram-se também diversas técnicas de aproveitamento do produto e subproduto da mandioca como, diversos tipos de farinha, goma, de beijus, de bolos e mingaus.

Forte elemento musical, além do tambor, nas manifestações culturais de matriz africana encontra-se um arco musical denominado no Brasil de berimbau. Alguns mestres dizem que seu nome africano é Gunga, foi trazido pelos negros escravizados. Provavelmente esses arcos foram reinventados e introduzidos na resistência negra por meio de rodas de capoeira. Entre as manifestações culturais de resistência encontram-se também as congadas, uma manifestação católica e afrobrasileira em louvor a nossa senhora do Rosário e São Benedito e em homenagem aos reis e rainhas Congo. Para uns é uma religião, para outros uma celebração. Trata-se de um ritual que apresenta uma história através de sua religiosidade, com sua forma de registrar o passado, dialogando com o universo religioso, como uma forma de estar no mundo. Os congos conheciam as artimanhas de negociação com os brancos e com a igreja nas suas terras natais e nas novas terras. Instalados aqui a pelo menos dois séculos, souberam utilizá-las para homenagear seu rei e rainha Congo. (A cor da cultura. Modos de fazer. 2010, p. 67-73).

mada a todo momento a partir da interação social. Assim, não há como ser humano e viver uma vida humana fora do tecido social da cultura. Somos seres naturais e fazemos parte da natureza, mas a cultura é o que nos torna humanos. Somos seres culturais justamente por causa da nossa capacidade de transformar a natureza em nós e para nós criando sentidos, palavras, códigos, símbolos que só possuem significados a partir da interação e da reciprocidade que geram nossos saberes e aprendizagens próprios e locais, tão importantes como os universais.

Assim, precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre os universos de referências individuais e sociais adotando a mais ampla definição possível de cultura, uma definição que não adota uma visão da cultura demasiado restritiva e de não se centra num aspecto particular para definir o que a caracteriza.

Junto com Canclini (2007, p. 41), podemos assentir que "a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social." A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social, sendo assim, não é algo que pareça sempre da mesma maneira.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Sigmundo. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. Diferentes, Desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CANDAU, Vera Maria (org). Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: Sociedade, educação e cultura(s). Petrópolis: Vozes, 2002.

FORQUIN, Jean Claude. Escola e Cultura: as bases e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite (orgs). O sentido da escola. Rio de Janeiro. Editora:DP&A, 2004.

GERRTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARTUWIG, Adriana Vieira Guedes. Professsores(as) Pomeranos(as): um estudo de caso sobre o Programa de Educação Escolar – PROEPO – desenvolvido em Santa Maria de Jetibá-ES. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

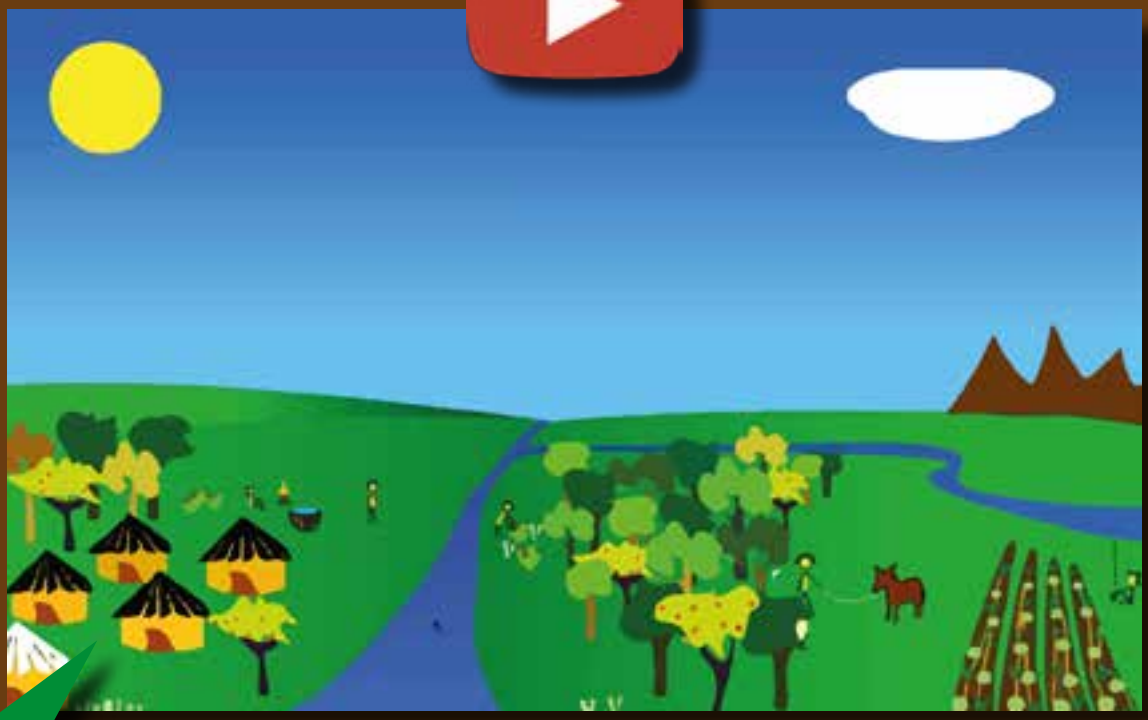
ASSISTA A ANIMAÇÃO

DEFENDER A VIDA

SINOPSE:

Animação que mostra de forma muito simples, o que significam uma floresta com todos os seus elementos para uma população e qual a diferença entre ela e uma plantação para as comunidades locais.

Duração: 3 min



Como você trabalharia essa animação com a comunidade escolar, ou em sala de aula, considerando princípios da interdisciplinaridade e da interculturalidade?

NAVEGUE & EXPLORE

LINK:

Navegue & Explore possibilidades de trabalhos no site:

Cartografias afetivas do rio Jucu, de Fabiola Melca

LEITURA COMPLEMENTAR

PELAS ÁGUAS DO RIO BIRIRICAS

Hudson Kill
Ilda Ramos
Ivani Thomaz Bremenkamp
Izaura Pimentel De Sales
Joyce Maria Herbst Kuster
Letícia Volkers
Luciana Gonçalves Ferro
Mariane Pylro Lopes Krüger
Rosania Maria Neves Bremenkamp

INTRODUÇÃO

A comunidade de Biriricas está localizada no município de Domingos Martins, região serrana do Estado do Espírito Santo. Esta comunidade representa um dos seus seis distritos. A região compreende um grupo aproximado de 300 famílias que, juntamente, com as demais comunidades do município perfazem um total de 31.224 habitantes (IBGE,2007). O distrito de Biriricas inclui as localidades de Biriricas de Baixo, Biriricas, Fazenda Thomas, Peixe Verde e Alto Biriricas.

No que diz respeito ao relevo, todo o município de Domingos Martins possui uma geografia acidentada e montanhosa, que faz parte da chamada “zona serrana do centro”. O distrito de Biriricas, em específico, está em torno de 465 metros de altitude.

Em relação ao clima, este se classifica como tropical de altitude com temperaturas mais amenas durante o ano (média anual inferior a 20° C), o que torna a região muito propícia para a produção agrícola, com média de 4.753 propriedades rurais com atividades agrícolas, sendo 90% de pequeno porte com predomínio da agricultura de base familiar. Outro setor que se destaca no município é o

turismo de montanha. A economia do distrito de Biriricas está atrelada essencialmente à agricultura familiar. Em relação a este aspecto, destaca-se a produção de banana, aipim e hortaliças. E, em menor número podemos destacar o artesanato e o turismo.

A comunidade de Biriricas é composta, predominantemente, por moradores que têm uma descendência de origem europeia e, em menor número, por afrodescendentes.

Nesta região, a religiosidade é muito marcada, com presença de católicos e luterana. A forte influência da religião católica pode ser nitidamente notada no que diz respeito aos costumes, amplamente orquestrados pela igreja em seus diversos aspectos: nos ritos religiosos como procissões, festas em comemoração aos santos, missas, cultos, entre outras.

A comunidade tem sua formação marcada pelo processo de imigração ocorrido na segunda metade do século XIX. Por volta do ano de 1850, chegaram à cachoeira de Santa Leopoldina muitos imigrantes alemães, que logo após, deslocaram-se para esta comunidade e aqui se fixaram. Naquele instante começava a história de uma comunidade e com ela todas as dificuldades que este processo de desbravamento impõe. Entre as famílias que aqui se estabeleceram, podemos destacar as famílias Bremenkamp, Volkers , Walcher e Thomas.

As dificuldades foram enormes, as moradias eram, simplesmente, ranchos feitos de folhas de palmeiras. Havia a necessidade de abrir estradas, de fazer os primeiros plantios, organizar o território por famílias, construir o templo para as orações, entre tantos outros obstáculos comuns ao processo de colonização.

Entre muitos aspectos, o que mais agradou aos primeiros desbravadores desta região foi o rio que corta a comunidade. Logo percebeu-se, segundo relatos de moradores da região, que nele havia um peixe similar ao que existia na região da Alemanha, onde residiam, de nome Biriricas.

Como o mesmo era encontrado em grande quantidade em suas águas, resolveram denominar tal região de “Biriricas”, nome que até hoje traz grande curiosidade aqueles que aqui chegam.

No decorrer das décadas, o Rio Biriricas sempre teve grande importância nas atividades doméstica e econômica. Dele era retirada a água para consumo humano e animal, lavar roupas e casas, areia para dar brilho às panelas, para movimentar monjolos [socadores de café] e quitungos [local onde se produz e farinha de mandioca]. Ainda possuía grande importância no que diz respeito ao lazer. Há pouco mais de cem anos, as famílias reuniam -se na casa de parentes para confraternizarem-se próximos ao rio.

Durante muito tempo esta tradição se manteve. Hoje em menor escala, devido à atual situação de poluição em que se encontra o mesmo e às outras formas de lazer oferecidas na comunidade.

Com o passar das décadas muitas mudanças foram acontecendo nesta região. A população aumentou, surgiram as primeiras organizações sociais (igreja, escola, quadra de esportes, associação de produtores rurais), chegaram os veículos automotores, e tantos outros progressos e consequências da modernidade.

Em relação aos problemas da região, destacaram-se, sem sombra de dúvidas, aqueles provocados contra o Rio Biriricas. O aumento das moradias, a não preocupação com a destinação do lixo

Biriricas

e resíduos , fez com que os moradores, localizados próximo ao rio, destinassem todo o resíduo doméstico e sanitário nele. A atitude repetia-se em relação ao lixo doméstico, lixo da produção agrícola e animais que morriam.

Outro problema foi à introdução de defensivos agrícolas nas produções. Estes por vezes, chegam até o rio, por meio de chuvas, ou mesmo por serem aplicados muito próximos a ele. As agressões feitas passaram a ser visíveis no rio, com a diminuição do número de peixes e crustáceos. Em suma, a poluição passou a ser perceptível.

O trabalho de sensibilização feito ao longo dos anos pela escola e pela Igreja Católica fez com que as pessoas da comunidade ficassem mais atentas e zelosas em relação a esta situação de degradação do Rio. Aos poucos as famílias notaram os prejuízos causados por estas ações depredadoras e ficaram atentas às perdas, estabelecendo critérios para as atividades realizadas com o solo. Mesmo assim, a situação ainda desperta preocupação.

Para tanto, no ano letivo de 2010, na formação de professores e pedagogos, a partir da realidade encontrada no território, foi proposto um trabalho para conhecer a história da Comunidade e a do Rio Biriricas, bem como da real situação em que ele se encontra. A história da Comunidade, seus costumes e o porquê do nome Biriricas foram pontos discutidos e o que mais chamou a atenção dos alunos foi a história do Rio, que diante das informações interessaram-se em conhecê-lo ainda mais, dando também atenção aos aspectos dos imigrantes, sua cultura, seu trabalho e sua economia relacionada ao trabalho agrícola e o manejo da terra.

Para a compreensão do conceito de território, utilizaram-se os textos: “Luta política e pedagógica do campesinato”, de Rodrigo Simão Camacho; “A agricultura camponesa no Brasil”, de Ariovaldo Umbelino de Oliveira; e “Sobre a tipologia de territórios”, estudos desenvolvidos pelo professor Bernardo Mançano Fernandes, no intuito de analisar as relações camponesas e capitalistas na formação de diversos e diferentes territórios, bem como compreender a composição do território campesino e suas interfaces com as políticas públicas voltadas ao campesinato para as quais o meio rural representa o espaço das políticas compensatórias e paliativas,

um lugar de projetos econômicos e políticos da cultura capitalista que se instauravam demarcando o território do agronegócio. Nessas circunstâncias, a relação homem-natureza caracteriza-se como exploratória depredatória e de exclusão social.

Analisando as mudanças ocorridas, desde o período do início da colonização territorial da comunidade até os dias atuais, percebe-se que parte da cultura se perdeu, devido às interferências do agronegócio que trouxe uma visão capitalista do trabalho no meio rural, ao impor modelos de trabalhos diferenciados no campo, motivando o agricultor a trabalhar fora da terra, atividades voltadas ao turismo, ao comércio e a plantação de árvores que não fazem parte da flora da Mata Atlântica (eucalipto), com indícios da monocultura da silvicultura e banana, deixando de lado, e em pleno abandono, o plantar e o colher dos alimentos para própria subsistência, característicos da região. Entretanto, fica visível nas constitutivas físicas dos moradores, na alimentação, no trabalho agrícola, na religião e outras formas sociais a marca do campesinato. Segundo Mendonça (2007, p.76.):

O atraso da agricultura, ora atribuído à natureza, passa a ser atribuído à desqualificação dos trabalhadores. No discurso ministerial os camponeses eram considerados “baldos” até dos conhecimentos mais comezinhos e o único meio de combater este problema é fornecer-lhes escola primária e aprendizado agrícola para seus filhos, pois, só assim será possível reunir essa grande massa anônima, que se vai degradando pela miséria, fazendo com que ela fique longe de ser uma ameaça contra a vida rural.

As dificuldades enfrentadas na escolarização da população do campo são visíveis, como currículo descolado da realidade social e estrutura física deficitária. No entanto, as mudanças ocorridas pelas lutas dos movimentos sociais que apoiam uma educação que valorize a cultura local e o aprendizado significativo e concreto, tornaram a escola atrativa para os estudantes e os seus familiares. Observa-se o cumprimento de vários direitos sociais, tais como, acesso a educação escolar, transporte e merenda, livro didático, recurso financeiro para compra de material didático, entre outros, garantindo melhorias satisfatórias para o aprendizado dos que moram no campo.

Para entender as mudanças históricas e geográficas ocorridas neste território, foi desenvolvido o projeto Pelas Águas do Rio Biriricas. Nele, foram observados o espaço, a nascente, o decurso do rio, ouvidos os relatos dos moradores, fotos e documentos antigos recolhidos pelos alunos e professores para compor as informações do projeto iniciado no dia 03 de outubro de 2010.

O desenvolvimento do projeto teve início com visitação à nascente do rio, observação de pequenos afluentes, o cuidado adotado pelas famílias que moravam próximas a margem e utilizavam essa água para o consumo e produção agrícola. Houve também momentos de diálogos com os moradores para que fosse possível tentar entender a história do rio, as mudanças geológicas no seu percurso, volume de água (se aumentou ou diminuiu), os peixes e crustáceos que ali existiam. Observou-se também, a utilidade do rio para a produção agrícola, fenômenos naturais que alteraram seu curso e margens, o turismo e o lazer. Foi coletada, também, amostra da água para verificar o grau de impureza da água do rio.

Os resultados das análises da água realizadas pela companhia de abastecimento e tratamento de afluentes não foram satisfatórios. O grau de contaminação da água do Rio Biriricas a torna imprópria para o consumo e o banho, deixando a comunidade apreensiva sobre o que fazer para solucionar o problema da poluição.

Diante dos fatos, a Instituição Escolar orientou os estudantes para direcionarem o trabalho e traçarem objetivos acessíveis à comunidade, que possibilitassem resultados imediatos, quanto à melhoria da qualidade da água do Rio Biriricas. Os professores distribuíram funções básicas a cada aluno, como: limpeza das encostas, coleta de lixo, preservação da Mata Atlântica perto das nascentes, orientação aos agricultores sobre o uso de defensivos agrícolas perto da água e a construção de fossas para as residências.

O trabalho apresentou resultado satisfatório, quanto a participação das famílias. Estas abraçaram a causa e junto com seus filhos promoveram algumas ações para a preservação das nascentes e proteção do rio. No entanto, a educação ambiental é um processo lento, que depende de ações socioambientais, com engajamento da sociedade civil, governo e instituições educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EMEF Biricas de Cima durante sua participação na formação continuada, intitulada Educação e Esporte do Campo e Território, promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Domingos Martins, buscou elucidar alguns fatores que mereceram um estudo mais aprofundado acerca do nosso território. A questão ambiental (hoje problemática mundial) sem dúvida, necessita um olhar especial, e mais especificamente, o rio que corta a comunidade. Esta necessita além de olhares voltados a sua beleza, de soluções para os problemas detectados.

Os profissionais da educação da EMEF Biriricas de Cima estão aperfeiçoando-se e complementando a todo instante a sua formação em busca de conhecer a história e a utilidade do Rio Biriricas. Estes preparam-se para uma nova abordagem com os estudantes, interagindo com a aprendizagem e o desenvolvimento dos trabalhos com o rio, retratando a formação do cidadão com autonomia e compreensão da importância e utilidade das

Mostra Cultural em Biriricas trata de cuidados com a água

águas do rio, resgatando esse recurso hídrico, importante para manutenção da vida e desta forma, contribuindo para o bem comum.

Com esse objetivo, os profissionais da educação compreenderam a importância da formação continuada para o seu aprendizado. O desenvolvimento dos trabalhos com os estudantes e comunidade escolar, colocaram em movimento as ações do projeto que envolveu as águas e sua importância para a comunidade de Biriricas.

Nessa perspectiva, conviveu-se a todo instante com o trabalho agrícola na comunidade, concluindo que a água é a principal fonte de sustentação desse serviço. Sem a preservação do rio Biriricas e seus pequenos afluentes, o trabalho campesino nesta região cairia no esquecimento. Apesar das inovações do mundo globalizado que permite o avanço na comunicação, na didática de ensino, na interação entre o ensinar e o aprender, aumentando as possibilidades dos indivíduos de desenvolver-se economicamente em seu trabalho agrícola, a comunidade não pode esquecer que a água não pode ser considerada um bem natural renovável.

Se não houver o cuidado de preservar as nascentes, nos tempos futuros não existirá água suficiente para as lavouras e muito menos para o lazer e consumo. Há décadas a população do campo era considerada “atrasada” pela falta de tecnologias e devido ao uso do trabalho forçado no dia a dia sem o uso de instrumentos agrícolas inovadores, porém, a cultura campesina nesta localidade apresenta, na atualidade, importantes contribuições na preservação dos recursos naturais.

É possível perceber em cada propriedade uma reserva de Mata Atlântica, um lago e a diversificação de produtos (hortaliças, banana, café, leguminosas) componentes necessários para se ter uma vida saudável. É necessário que crianças, jovens, adultos e idosos vivam em harmonia com o meio ambiente, aprendendo cada vez mais a importância dos recursos naturais e sua preservação para as gerações futuras.

É notório destacar que apesar do ser humano usufruir do meio natural nos mais diferentes segmentos (saúde, estética, combustíveis, construções, alimentação, higiene...) ele ainda não se deu conta da real situação no que tange a limitação ou escassez dos recursos naturais.

O valor dado ao campo permanece intrínseco aos agricultores que, mesmo sem o devido reconhecimento, continuam a sua busca por qualidade de vida dando oportunidade de trabalho e garantindo a biodiversidade da fauna e flora das florestas que rodeiam os seus terrenos, garantindo assim uma harmonia entre o ser e a vida que o cerca.

Os educadores devem priorizar em seus trabalhos não só a valorização do território, como também o valor cultural que as famílias campesinas trazem consigo, o respeito aos mais velhos, os valores religiosos, o trabalho em mutirão, culminando num processo coletivo que garante a promoção de toda a comunidade.

Com a finalização da primeira etapa do projeto pelas águas do Rio Biriricas, foi possível colaborar com as conquistas educacionais, desenvolvidas na comunidade escolar, que emergiu responsabilidade, dinamismo e aspectos que marcam a vida no campo e seus costumes. Os cidadãos campesinos, aonde quer que cheguem são reconhecidos através de sua oralidade mansa e agradável. Refletem a harmonia no olhar, e conquistam todos com alegria, deixando em qualquer ambiente a grandeza e satisfação de se ter consciência sobre o meio em que convive.

REFERÊNCIAS

CAMACHO, Rodrigo Simão. Agricultura e o Agronegócio. Porto Alegre: AGB, 2004, p 245.

FERNANDES, Mançano Bernardo Sobre a Tipologia do Território. In: FOERSTE, Erineu; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda M.; CALIARE, Rogério. Introdução à Educação do Campo. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós Graduação em Educação, 2009.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado e Educação Rural no Brasil: alguns escritos. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

SILVA, Circe Mary Silva da et.al. (orgs.). Metodologia da pesquisa em Educação do Campo. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós Graduação em Educação, 2009.

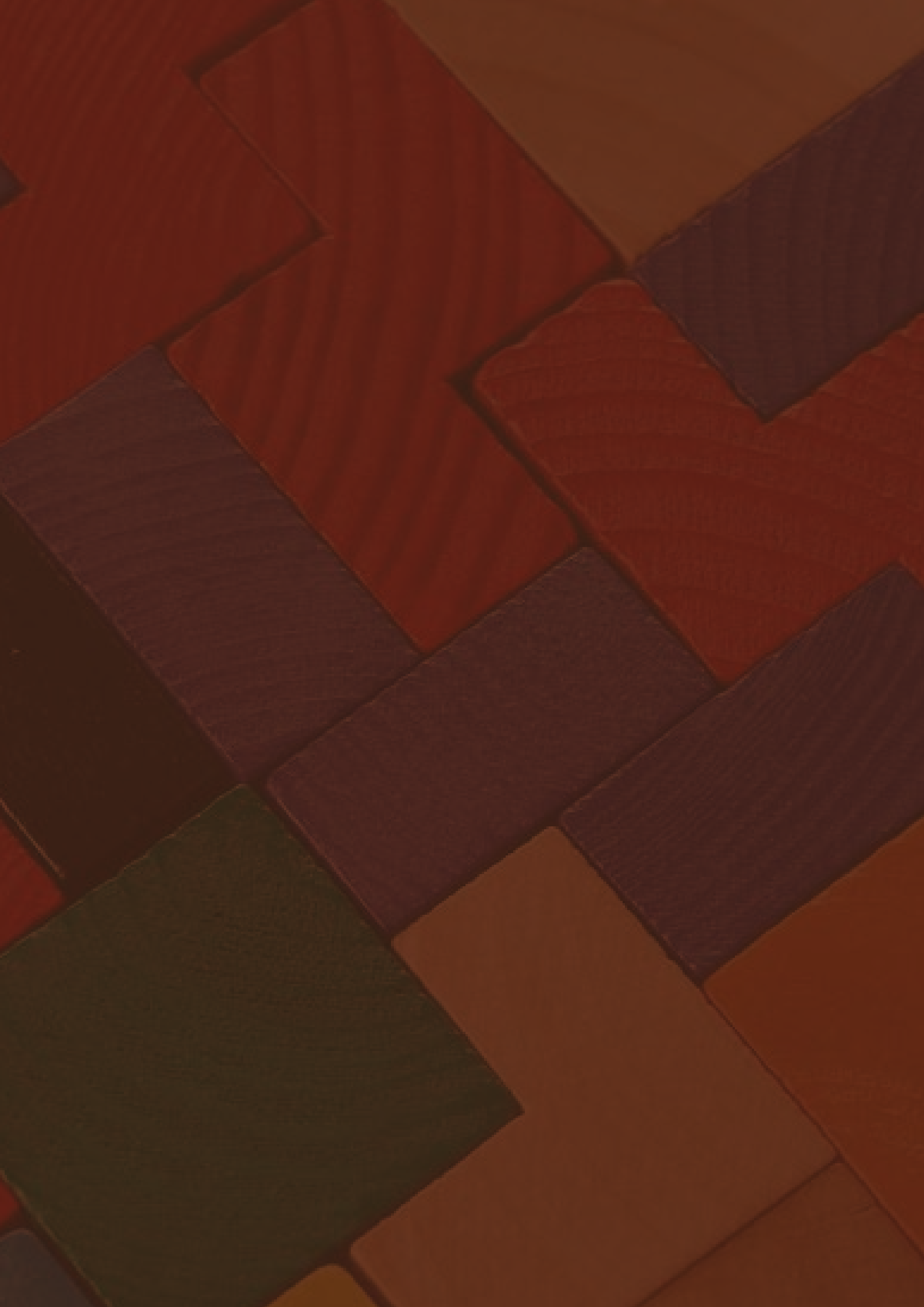
TEXTO EXTRAÍDO DO LIVRO:

Educação do Campo – SABERES E PRÁTICAS – p. 103 -110

Ed. EDUFES, Vitória, 2013.

Unidade 3

Águas, Interculturalidade e Interdisciplinaridade



TEXTO 3 - CULTURAS, INTERCULTURALIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA HIDRICA

Arlete M. Pinheiro Schubert
Erineu Foerste

INTRODUÇÃO

Dirigir o olhar para os povos indígenas, quilombolas e populações tradicionais significa procura-los intencionalmente, posto que tais segmentos encontram-se, com frequencia, invisíveis na organização socioeconomica e política do país e a sua presença ativa no meio social e ambiental desaparecida da nossa geografia. Não percebemos que esses segmentos habitam mapas superposto ao nosso, com suas rotas, seus caminhos, sítios rituais próprios, áreas de conservação, mesmo que ilhadas entre monocultivos de árvores, exploração petrolífera ou mineração. Somente por meio de suas lutas por direitos, situações em que eles se fazem visíveis, seus territórios são percebidos, entretanto, na maioria das vezes não suspeitamos que seus mapas apresentam registros que nossa cartografia desconhece, revelando uma cartografia com marcas e registros próprios de um mundo, um modo de existir, de um caminhar em e entre territórios que os une a inúmeros lugares que contam parte de suas histórias de resistências, como os territórios de caça e coleta, plantios, a exemplo de ilhas, lagos, banhados, córregos, rios, montanhas. Muitas vezes tratam-se de áreas nas quais habitam espécies que funcionam como bioindicadores da qualidade ambiental.

Na medida que antigos e especificos modos de existir são descartados esses elementos são esvaziados de sentidos e caem no esquecimento. Os seus nominativos e conteúdos semânticos, gradualmente recebem novos significados de vida sustentados na cultura hegemônica. Aos poucos, deixamos de perceber as multiplas territorialidade que habitam o territorio real de cada coletividade. Passamos a não reconhecer a multiplas referencias constitutivas do nosso próprio territorio, compreendendo-o como campo completamente distinto, e de outra natureza das demais culturas.

A educação pressupõe discutir, em nossas comunidades, questões territoriais, discutir as próprias formas de (re) organização espacial, social, cultural e identitaria do nosso local. Cada vez que um povo habita outros territórios, novas identidades étnicas-culturais vão se traduzindo e reconstituindo, transformando jeito de ser e de fazer. No bojo dessas transformações, e como exigência específica de cada cultura, desenvolve-se a capacidade de negociação, “e seu elo com a cultura de origem se transforma ao ser obrigada a negociar seus significados com outras tradições, dentro de um horizonte mais amplo e que agora inclui ambas”. (HALL,1997).

Cartografias, portanto, não são apenas desenhos, elas permitem mostrar como funciona a sociedade, as relações de poder e interesses em jogo, e onde estão os incluídos e os excluídos da história. O contorno do mapamundi não foi assim desenhado por causa dos rios, mares, oceanos, ilhas e continentes, mas definido a partir de sucessivas disputas e des-encontros de culturas, identidades e territorialidades, no decorrer da história da humanidade.

1. INTERCULTURALIDADE. O DESAFIO PARA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL.

Se nos abrirmos a sentir, conhecer e entender os demais povos desde o seu pensamento e de sua cosmovisão, começaremos a perceber o nosso próprio mundo desde um outro ponto de vista. Os contrastes e as aproximações percebidas poderão provocar associações e comparações com alto potencial de aporte para nossas sociedades e suas práticas. Sem essa tentativa a comunicação entre as culturas continuará acontecendo de forma hierárquica, assimétrica e colonizadora.

Segundo Preiswerk (2011), em dialoga com Fornet-Betancourt, a palavra interculturalidade com seu prefixo inter indica uma relação entre sujeitos e forças, sugere também diferenças e possíveis conflitos. Para o autor, falar de interculturalidade é assumir que grupos, pessoas, identidades interatuam, se influenciam, ainda que de maneira desigual por motivos economicos, políticos, sociais, de classe, idade, religioso, etc.

A interculturalidade, ainda, pressupõe processos que tenham como base o reconhecimento e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialogicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalha os conflitos inerentes a essa realidade e não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos, procurando as estratégias mais adequadas para enfrenta-los, e essa condição parte de uma ética que exige que as culturas dominantes comecem por um “desarme cultural”, dispondo-se a questionar sua hegemonia, a exemplo das crenças e dos mitos sobre os quais a modernidade construiu seu poder, tais quais a evolução, o progresso, a ciência, a tecnologia, a democracia, o mercado economico mundial, etc.

Com frequência a interculturalidade tem comparecido no debate como registo de atitudes, e isso se faz desde diversas posturas, como por exemplo, em nome da tolerância, ao exigir que outras culturas sejam tolerantes e tenham escuta do outro. Obviamente em uma relação inicial desigual o recurso da cultura dominante servirá novamente para reforçar o seu poder. O resultado será contrário para os grupos minoritários, e a bandeira da tolerância será erguida com o risco de uma nova subordinação.

Autores, como Panikar (1993), defendem que o diálogo intercultural repousa sobre um compromisso ético-político, particularmente em contexto transtornado pelo colonialismo. Por isso, eles costumam sublinhar a interculturalidade com seu carater de projeto e de desafio e apelo ao conceito de “dialogo intercultural”, conforme destaca Preiswerk (2011, p.252-3).

Na História do Brasil muitas propostas de encontros expressam as assimetrias culturais e apontam para as relações que fazem parte desse contexto "transtornado pelo colonialismo". A esse respeito surge a indagação, a partir da leitura do "Diálogo sobre a conversão do gentio" (1556-1558) do padre Manuel da Nóbrega: "a recusa da verdadeira escuta do outro - que para ele seria terapêutica - não seria a raiz da violência da cristandade". E um outro autor, Suess, conclui que na história do Brasil, "a escuta missionária do outro geralmente foi uma escuta estratégica para combatê-lo melhor [...]". (SCHUBERT, AMP. 2011, p. 100). Ou seja, para que um diálogo intercultural aconteça não basta pressupor a escuta, é preciso saber o que se faz com essa escuta.

Nesse sentido, o diálogo intercultural se apresenta como uma categoria teórica própria, questiona as racionalidades e o caráter instrumental e monocultural das sociedades dominantes. Ele se apresenta em seu aspecto teórico inclusivo para superar a ambiguidade do termo "interculturalidade", como visto inicialmente, e se realiza especialmente nos espaços marcados por distintas territorialidades, por distintas maneiras de situar-se frente ao entorno e a natureza. E, por fim, implica na criação de condições de igualdade entre as partes que entram em comunicação, uma exigência sine qua non para a realização do diálogo intercultural.

Bastante emblemática é a história recente dos Tupinikim e Guarani que, por meio das lutas por território, questionou a agenda do "desenvolvimento" e do "progresso" e recolocou questões centrais, tal como a necessidade de consumo cada vez maior de papéis descartáveis nas nossas sociedades e o desenvolvimento que destrói as possibilidades de um povo indígena construir o futuro que deseja.

São questões que encontram eco em outros povos no mundo, e que se multiplicam no continente Africano, Asiático, colocando cada vez mais em xeque o impacto dos grandes projetos de monocultivos e do grande capital no bem estar das sociedades.

O plantio de grandes extensões de árvores de uma única espécie, como o eucalipto, diminuiu o volume de água de córregos e riachos; em muitos casos eles desapareceram e os que restaram tiveram suas águas contaminadas pela construção de estradas e poluentes industriais. A redução significativa das áreas tradicionalmente ocupadas, que levou à extinção de antigas aldeias indígenas, forçou também um novo reordenamento geográfico e provocou crises de sociabilidade e dissolução de laços de reciprocidade. A derrubada das matas para carvão e monocultivos representou a desestruturação da economia dos povos Tupinikim, uma vez que inviabilizou uma de suas principais fontes de subsistência. Práticas tradicionais como a caça, a retirada de matéria prima para a fabricação de utensílios, a coleta de frutos e plantas medicinais, ficaram prejudicadas. (SCHUBERT, AMP; VILLAS, F.M; OVERBEEK, W. Histórico da reconquista da terra indígena no Espírito Santo, 2007).

Os danos ambientais são imensos se somarmos tudo isso aos impactos causados pelas represas, hidreletricas, quando gentes são retiradas, sítios arqueologicos submersas e animais e plantas são mortos, as represas dificultam que os peixes subam rio acima, onde desovam, e não importa colocar corredores ou placas indicando para que subam à direita ou à esquerda.

Se mudar e transformar o mundo tornou-se um lema importante para as sociedades modernas, para as cosmovisões das sociedades indígenas e tradicionais ainda não se constituiu um valor positivo. Para eles as intervenções humanas se fazem necessárias, algumas vezes, mas requerem cuidado para não provocar mudanças que poderiam ser perigosas para o planeta, e que resultam em danos imensuráveis para a vida.

Atualmente pesquisadores confirmam que as populações que sofrem os maiores danos são as mais pobres e invisibilizadas. No caso Tupinikim e Guarani o desafio colocado se relaciona com a busca de alternativa que se contraponha à monocultura de árvores desenvolvidas pela ciência ocidental, o que se mostrou totalmente estranha à cultura indígena, quilombola e campesina, alem de responsável pelo desaparecimento paulatino das matas e seus animais, suas nascentes e corregos. Ao mesmo tempo, a indústria de monocultivos de árvores, de mineração, entre tantas outras, tornaram-se grandes vetores que influenciaram fortemente os sistemas de vida, inclusive inviabilizando a convivencia com outros modos de ser e de viver. Em muitos lugares do planeta os modos de vida dos camponeses e da agricultura familiar de subsistencia foram impactadas negativamente, a curto e medio prazos.

O debate hídrico, associado ao debate intercultural e da interdisciplinaridade relaciona-se ao debate que afeta imensas regiões do planeta, e no caso do Espírito Santo possui um significado especial devido à sua história constituída por episódios de escravidão do negro africano e seus quilombos, não reconhecimento dos povos e culturas indígenas, processos migratórios internos, levas de imigrantes europeus que sofreram a negação da língua no período da segunda guerra – a exemplo do povo pomerano. Tratam-se de grupos que enfrentaram e continuam enfrentando dificuldades na afirmação de suas singularidades culturais, num mundo que se estrutura com base em processos de homogeneização. Porém, nessa trajetória historicamente conflitiva, foram criados movimentos e estratégias de resistência.

Se concordamos que grupos, pessoas, identidades interatuam, se influenciam, ainda que de maneira desigual por motivos econômicos, políticos, sociais, de classe, idade, religioso, em se tratando de educação não é suficiente falar de conteúdos e valores interculturais, faz-se necessário incidir em práticas, métodos, modos de ser, de ver e de sentir. A ideia é aprofundar a compreensão da origem dos problemas, da natureza própria dessas questões conflitivas, principalmente por meio da escuta direta dos grupos envolvidos, da análise de estratégias e expectativas em confrontos, pesquisar e estudar.

Diante do debate colocado como uma educação intercultura poderia se relacionar com essas questões? Debater temáticas culturais na sala de aula é suficiente para afirmar que a interculturalidade se faz presente nas práticas pedagógicas? Como garantir que a interculturalidade seja constitutiva do processo educativo?

2. INTERDISCIPLINARIDADE. UM DESAFIO PERMANENTE PARA A PESQUISA E A EDUCAÇÃO

Conhecimento, participação, capacidade de avaliação, comportamento, atitude são aspectos da educação que não devem desconsiderar problemas concernentes a questões sociais, ambientais, ecológicas resultantes do modo de vida dominante contemporaneo.

A interdisciplinaridade pode ser compreendida como o nível de colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os diversos setores heterogêneos de uma mesma ciência que conduz a interações propriamente ditas, ou seja, uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida. Para Gallo (2004) a interdisciplinaridade é a tentativa de superação de um processo histórico de abstração do conhecimento que culmina com a total desarticulação do saber que nossos estudantes (e também nós, professores) têm o desprazer de experimentar.

Portanto, ela não ignora os referenciais das disciplinas, entretanto, exige ampliar conhecimentos sociais, culturais e agregar a cada repertório teórico e metodológico específicos, as percepções e constatações subjetivas de outros territórios culturais. O que se ganha em acréscimo e aprofun-

dandamento não nos permite renunciar a esta experiência pedagógica que se apresenta com o desafio do descentramento não apenas disciplinar, mas também cultural, pois aposta na importância, pertinência e relevância dos saberes do outro, algo considerado tão nobre quanto ameaçador para os diferente grupos e disciplinas. As ferramentas utilizadas para tornar esse objetivo tangível dependerão, e muito, do contexto e dos sujeitos com os quais estamos trabalhando. (Preiswerk, 2011).

Alguns casos se constituem fontes para pensar a interdisciplinaridade e interculturalidade, pois são situações que impactam diretamente inúmeras e diferentes comunidades, alterando modos de viver e que envolvem diferentes áreas de estudos. No contexto indígena, no Espírito Santo, a construção do canal Caboclo Bernardo (2004), constitui-se uma dessas situações. Construído com o fim de abastecer a terceira fábrica de celulose no município de Aracruz, impactou diretamente a aldeia de Comboios, bem como a comunidade da Vila do Riacho e Barra do Riacho – na criação de gado, na agricultura de várzea, na pesca do camarão. Por muito tempo as famílias deixaram de fazer uso da água do rio Comboios e de outros rios da região, para beber, para banhar-se, e nem sequer lavarem suas roupas.

A água reclamada pelos indígenas, pelos moradores da Vila e pescadores de Barra do Riacho estava abastecendo três reservatórios artificiais do complexo industrial da Aracruz: o Reservatório Águas Claras, o Reservatório Pavor e o Reservatório Santa Joana. Rios e corregos desviados serviram para alimentar as bacias hídricas do Rio Riacho, do Rio Gimuhuna e do Rio Doce que a empresa bombeou para sua estação particular de Tratamento de Água (ETA). Isso porque a água para o processo industrial não pode ser utilizada imediatamente, tal como captada junto aos rios, antes deve receber o tratamento adequado pela empresa, ao contrário das águas naturais da população que habita o entorno industrial, e que estão poluídas para o consumo humano devido ao desvio de águas de um rio para o outro e aos produtos químicos usados em grande escala nas plantações de eucaliptos.

Constatamos que os verbos conjugados com a água pelos povos indígenas e as populações tradicionais e rurais como beber, pescar, nadar, lavar, brincar, transportar, batizar, agora, nas cercanias das três fábricas de celulose se resignificou. Esses povos aprendem a conjugar, com a mesma água, outros verbos como desviar, represar, armazenar, branquear, caustificar, depurar, secar, deslignificar, enfardar, evaporar... Assim como os verbos, entre os substantivos encontram-se novas nomeações, desapareceram os córregos e rios, ribeirões, lagos e lagoas, e entraram em cena os canais e reservatórios, as barragens, elevatórias e comportas. Não se trata mais de água, recurso de uso coletivo, associado à segurança alimentar e a tantos ritos sociais apropriada pela empresa, a água é re-significada em seu uso industrial. Água, nesse caso, não é mais do que H2O. Impossível mesmo em todos

as regiões onde se instalam os grandes empreendimentos separar a problemática das águas da questão do território, da terra, das florestas e da biodiversidade, das culturas indígenas e tradicionais e do poder.

Nessas situações percebe-se que o tipo de relação que as sociedades capitalistas mantêm com a natureza, uma relação verticalizada, para a qual tudo está à disposição, a espera de ser explorado pelo ser humano, uma relação instrumental. Para os povos indígenas, somente a totalidade de todos os seres, em seu conjunto, possibilita a concretização das condições necessárias para viver bem (bien vivir). Quando vistas separadamente, natureza e humanidade se mostram incompletos, e essa imperfeição faz com que um não possa prescindir do outro. Para o bem estar humano se faz necessário o bem estar da natureza, simplesmente. Ambos, ser humano e natureza, não são opostos, são constitutivos um do outro. A relação horizontal com o mundo e com os seres de vida é guardada por muitos povos como princípio, o que protege os demais modos de vida das consequencias de seu uso instrumental.

Portanto, é necessário ampliar o nosso repertório metodológico para agregar esse tipo de perspectiva e comprovação subjetiva, pois trata-se de uma noção rica e que serve ao debate das questões vividas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

HALL. E. Identidade cultural na pós modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PANIKAR. Paz e desarme cultural. Sal Terrae: Santander, 1993.

PRESWERK, Matthias. Contrato intercultural. Crisisi y refundacion de la Educación Teológica. Plural editores. La Paz. 2011.

SCHUBERT. AMP. Ruinas de saberes e lugares conhecidos: Educação e narrativas de (re) existência Tupinikim nas lutas por territorialidade (2004-2007). Dissertação de mestrado em: Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011. (Prelo).

¬¬¬____ . (et all). Federação dos Órgãos de Assistencial Social e Educacional/FASE - Histórico da reconquista da terra indígena no Espírito Santo, 2007.

____. “E somos contra esse progresso de morte”. Disponível em: World.rainforestmovement. <http://wrm.org.uy/pt/>.

ASSISTA O VÍDEO

ONDE ESTÁ A ÁGUA (WRM)

SINOPSE:

Por ocasião do dia 21 de março, Dia Internacional das Florestas, a FAO lançou um vídeo que aborda a importância das florestas para a água. O vídeo sustenta que “as florestas são vitais para nosso abastecimento de água” e nos chama a cuidá-las, “porque cada gota é importante”.

Duração: 3min

ASSISTA O DOCUMENTÁRIO

CRUZANDO O DESERTO VERDE

SINOPSE:

Este documentário trata dos impactos sofridos pelos povos indígenas e tradicionais em consequencia dos grandes projetos de desenvolvimento em seus territórios. Destaca os impactos que sofrem as culturas locais e as águas do entorno. “Se nas populações tradicionais os verbos conjugados com as águas eram - beber, pescar, nadar, lavar, brincar, transportar, batizar; hoje os empreendimentos conjugam outros verbos com a mesma água: desviar, armazenar, branquear, caustificar, depurar, secar, enfardar, deslignificar, evaporar”.

Duração 52 min | Ano: 2007 | Direção: Ricardo Sá. Brasil/ES

LEITURA COMPLEMENTAR

H2O PARA CELULOSE E ÁGUA PARA TODAS AS LÍNGUAS

PROEX